

BLOG DO LISANDRO

[HOME](#)[LINKS ÚTEIS](#)[CONTATO](#)[LOGIN](#)

terça-feira, 5 de outubro de 2010

Goiânia Mostra Curtas - até 10 de outubro

0 comentários



www.goianiamostracurtas.com.br



"Não existe complexidade igual a do amor fraternal"

0 comentários



Daniel Burman fala de "Dois Irmãos"

Exibido no Festival do Rio, filme do diretor argentino estreia no Brasil

filme estreia sexta-feira em Goiânia

Integrante da estrelada nova geração do cinema argentino, ao lado de Lucrecia Martel, Pablo Trapero e o oscarizado Juan José Campanella, entre outros talentos, o diretor Daniel Burman está no Brasil para divulgar seu quarto longa-metragem, "Dois Irmãos". O filme entra em cartaz na próxima semana no país, mas ganha pré-estreias a partir de amanhã no Festival do Rio.

Celebrado pela crítica e vitorioso no circuito de festivais internacionais – ganhou o Urso de Prata em Berlim por seu primeiro longa, "Abraço Partido" (2004) –, Burman viu todos os seus filmes serem exibidos nos cinemas brasileiros – os outros são "Leis de Família" (2006) e "Ninho Vazio" (2008). "Dois Irmãos" é seu maior sucesso comercial na Argentina, com 500 mil espectadores, e reúne dois grandes astros do país: Graciela Borges e Antonio Gasalla, lenda do teatro local.

Perfil do Autor



Lisandro Nogueira

Professor de Cinema na Facomb/UFG. Membro do Cineclub Antonio das Mortes - fundado em 1977. O blog tem o auxílio luxuoso de Lorena Gonçalves, Luísa Nogueira, Maria José Soares e

Pedro Vinitz.

[Visualizar meu perfil completo](#)

Programação - Cinemas de Goiânia

Programação - Goiasnet.com

Cinemas Lumière - (Portal, Araguaia, e Bougainville)
Cinemark - Flamboyant
Severiano Ribeiro - Flamboyant
Severiano Ribeiro - Goiânia Shopping
MovieCom - Buriti Shopping
Cine UFG - Campus Samambaia

Twitter

- @marzaun Sexta-feira estreia de "Dois irmãos" de Daniel Burman. [about 5 hours ago](#)
- @sarah_mohn Obrigado!! Não deixe de ver "Dois irmãos", estreia sexta-feira. entrevista c/ diretor: <http://www.lisandronogueira.blogspot.com> [about 10 hours ago](#)
- @joacisneiro "Sociedade dos poetas mortos" é sim um bom filme. Formalmente têm seus limites. Mas gera um bom debate s/ juventude, educação. [about 11 hours ago](#)

[Siga-me no Twitter](#)

Eventos

* O Cine-UFG:

. Mostra do "cinema feito em Goiás": de 30 a 3 de setembro;

. Mostra Tarantino: de 13 a 24 de setembro.

. Mostra Federico Fellini

* Goiânia Mostra Curtas - outubro.

Gravado em dois povoados do Uruguai, o filme foi inspirado no romance "Villa Laura", de Sergio Dubcovsky, gêmeo do produtor Diego Dubcovsky, há 15 anos sócio de Burman. A história flagra Marcos e Susana, casal de irmãos às portas da terceira idade que acaba de perder a mãe. Trambiqueira profissional, Susana convence o irmão a vender a velha casa da família em Buenos Aires e se mudar para um fim de mundo à beira do Rio da Prata. Em um jogo de interdependência e memórias de infância, os dois sofrem e crescem.

Em uma rápida conversa num cinema paulistano, Burman falou sobre as peculiaridades do amor fraternal, medos, a onipresença da família, velhice e sua relação de amor e ódio com os musicais clássicos de Hollywood – "devo acabar fazendo um", confessou.

iG: Por que o interesse nesse projeto e em adaptar o livro?

Daniel Burman: Na novela estão muito bem construídos esses personagens que mantêm uma relação de dependência afetiva muito forte, e me interessou muito a forma de como em certo momento da vida esses vínculos se tornam muito frágeis e o único modo de resolvê-los é rompê-los e encará-los de uma perspectiva diferente, coisa que se pode fazer muito poucas vezes. O amor fraternal é curioso, porque os irmãos são perfeitos desconhecidos que queremos conhecer. São pessoas com quem compartilhamos a infância, mas sempre de perspectivas distintas. Não existe complexidade igual a desse amor. E experimentei com o livro algo não encontrei em nenhuma outra obra. Ao terminar de lê-lo, consegui colocar os personagens principais em situações novas e saber exatamente como iam reagir, o que iam dizer, como Sherlock Holmes ou qualquer outra figura mítica. Isso só acontece quando se está muito mergulhado no universo dos personagens.

iG: Mudaram muitas coisas do livro na transposição para o roteiro?

Daniel Burman: O trabalho com o autor [Sergio Dubcovsky, autor do roteiro com Burman] foi tão próximo que já não sei mais o que era do livro e do filme. Mudamos bastante coisa. A novela era mais sórdida, inclusive com homossexualidade. O filme é mais inocente.



iG: Você tem irmãos?

Daniel Burman: Sim, um mais velho, mas não trouxe nada da minha família. Diria que só a experiência de observação. Muitas vezes escrevo mais baseado nos medos. Os medos são mais reais do que as experiências, porque eles mantêm-se estáveis ao longo do tempo, talvez os mesmos por toda a vida. Diria que são mais autênticos.

iG: Mais uma vez, depois de "Ninho Vazio", você filma aposentados, idosos. Por que o interesse nessa etapa da vida?

Daniel Burman: Me atrai como a alguém que quer seguir vivendo depois de uma determinada idade (risos). A princípio parece insólito, e quando vai se chegando mais perto, a perspectiva vai muda. Isso é fascinante. Quando se é garoto, pensamos que quando chegarmos aos 40, 50 anos, estaremos acabados, e lá perto, vemos que é uma idade fantástica. E assim acontece todo o tempo. É como correr atrás do horizonte: vai se caminhando, caminhando... até que se morre (risos). Me parece um mecanismo fantástico para continuar vivendo.

iG: Mais até do que a terceira idade, chama atenção também o uso da família, presente em todos os seus filmes.

Daniel Burman: Não conheço nenhum outro tema que não seja a família. A aventura de um pintor no Himalaia que pinta com a ponta do pé me parece irrelevante, assim como tudo o que é só excêntrico não é um tema para mim. Os únicos temas são aquilo que fazemos com nossos pais, nossos filhos, irmãos, pessoas com quem compartilhamos e repetimos nossa história. Não conseguimos nunca nos afastar da família, lamentavelmente (risos).

iG: Como foi o trabalho com essa dupla incrível de atores, Graciela Borges e Antonio Gasalla?

Daniel Burman: Foi um pesadelo, mas extraordinário (risos). Um sonho ter atores tão geniais e com uma força tão grande. É como estar comandando dois Boings, com uma mão em cada fuselagem. Manusear essa potência que eles têm e colocar os dois no mesmo plano exigiu um trabalho grande, mas me orgulho de ter encarado isso e conseguido fazê-lo. São muito profissionais, dedicados, e mantêm a postura de que tudo está sujeito a revisão até o último momento, o que é muito bom em um filme.

iG: "Dois Irmãos" foi gravado em plataforma digital, notória na exibição. Gostou da experiência?

Daniel Burman: Filmamos em RED [tipo de câmera digital]. Foi minha primeira experiência e foi extraordinário. As pessoas que dizem o contrário têm algum problema, porque não vejo nenhum sentido em voltar à película. As possibilidades que o digital proporciona, inclusive narrativas... Nem precisa ser um filme de efeitos, mas ajuda em

Pesquisar no blog

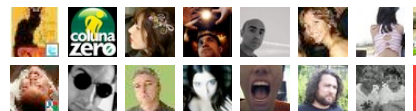
Pesquisar
powered by **Google™**

Seguidores:

Seguir

Google Friend Connect

Seguidores (153) [Mais »](#)



Já é um membro? [Fazer login](#)

Categorias

[Espaço Livre](#) (4)

[Godard](#) (1)

Filmes em DVD

CARA VIDEO: A MELHOR LOCADORA DE GOIANIA: RUA 10, CENTRO, EM FRENTE CATEDRAL. FONE: 3223 6622.

Assine os Feeds!



O que são Feeds?

Últimos Comentários

[O que a internet faz com os nossos cérebros não se...](#) - Marcelo

[O alicerce do "conhecimento" está na Educação.](#) Sem... - Lila

[E MEU NOME É AMANDA](#) - Anonymous

[Adorei o filme! Eu adorei o blog, Adorei o filme e...](#) - Anonymous

detalhes na pós-produção, às vezes invisíveis. Tem a ver com melhorar, polir. Quando se projeta digitalmente até se vê a diferença, mas em cópias em película, não se nota.

IG: Qual é a sua relação com relação com musicais? Já haviam aparecido em "Ninho Vazio" e agora de novo, no final de "Dois Irmãos".

Daniel Burman: Eu os odeio e me fascinam (risos). Me irrita muito quando os atores começam a cantar do nada, é tão ridículo, mas ao mesmo tempo fascinante. Graças a essa relação de amor e ódio, vou acabar fazendo um musical. A linguagem coreográfica, o movimento do corpo combinado com música e atitude, chega a um lugar que nenhuma palavra ou imagem consegue. Em "Cantando na Chuva", por exemplo, não há outro modo de expressar Gene Kelly saltando com o guarda-chuva. Não existe nenhum mecanismo narrativo para chegar a esses lugares de emoção ou ânimo, é muito forte.



* entrevista publicada no site IG.



Links

[Cine UFG](#)

[Programação das salas de cinema](#)

[Cara Video - locadora](#)

[Eduardo Horacio](#)

[Daniel Christino](#)

[Clínica da Cultura](#)

[Vistos e Escritos](#)

[Primeiro Plano](#)

[Era uma vez no cinema](#)

Arquivo do Blog

Arquivo do Blog

Contador de Acessos

61,373 Visitors

Since September 16, 2008



sábado, 2 de outubro de 2010

O que a internet está fazendo com os nossos cérebros

[2 comentários](#)



A internet obriga a pensar de forma ligeira e utilitária

JORNALISTA QUESTIONA SE O GOOGLE AFETA A INTELIGÊNCIA HUMANA E RECOMENDA RESTRINGIR O USO DE COMPUTADORES NAS ESCOLAS E EM CASA

ENTREVISTA NICHOLAS CARR

Nicholas Carr cutucou a onça da internet com um argumento longo e bem-desenvolvido no livro "The Shallows - What the Internet is Doing to Our Brains" (que poderia ser traduzido como "No Raso - O que a Internet Está Fazendo com os Nossos Cérebros" e será lançado no Brasil pela Agir).

Em poucas palavras, a facilidade para achar coisas novas na rede e se distrair com elas estaria nos tornando burros. O livro já vendeu mais de 40 mil cópias nos Estados Unidos. Está sendo traduzido em 15 línguas.

Carr recusa a pecha de alarmista, mas sua preocupação com as "tecnologias de tela" é tanta que ele recomenda a restrição do acesso de alunos à internet nas escolas. Não descarta que a rede possa evoluir para a veiculação de ideias menos superficiais, mas tampouco vê indícios de que irá nessa direção.

Leia abaixo trechos da entrevista telefônica dada por Carr da casa de parentes em Evergreen, Colorado, onde se refugiou depois de evacuado por força de incêndios florestais perto de sua casa nas montanhas Rochosas.



Folha - O livro deplora a internet como ameaça à mente formada pela invenção de Gutenberg, que nos deu o Renascimento e o Iluminismo. Mas Gutenberg também não destruiu a mente e a filosofia medievais? Ou seria mais preciso dizer que as invenções amplificam e continuam a cultura do passado?

Nicholas Carr - Toda tecnologia de comunicação e escrita traz mudanças. Isso é verdadeiro mesmo para o período anterior a Gutenberg, com a invenção do alfabeto, pela maneira como alterou a memória humana e nos deu maior capacidade de intercambiar informação. A internet, assim como tecnologias anteriores, amplifica certos modos de pensar e certos aspectos da mente intelectual, mas também, ao longo do caminho, sacrifica outras coisas importantes.

Se a leitura e a reflexão profundas estão em risco, como explicar o sucesso de coisas como o Kindle e seu livro?As coisas não mudam de imediato. O número ao menos dos que leem livros sérios vem caindo há um bom tempo, mas haverá pessoas lendo livros por muito tempo no futuro. Meu argumento é que essa prática está se mudando do centro da cultura para a periferia, e as pessoas começam a usar a tela como sua ferramenta principal de leitura, não a página impressa. Acho também que, à medida que mudamos para dispositivos como Kindle ou iPad para ler livros, mudamos nossa maneira de ler, perdemos algumas das qualidades de imersão da leitura.

O que pode ser feito em termos práticos e individuais para resistir a tal tendência?Não escrevi o livro para ser do tipo de autoajuda. A mudança que estamos vendo faz parte de uma tendência de longo prazo, na qual a sociedade põe ênfase no pensamento para a solução rápida de problemas, tipos utilitários de pensamento que envolvem encontrar informação precisa rapidamente, distanciando-se de formas mais solitárias, contemplativas e concentradas.

Por outro lado, como indivíduos, nós temos escolha. Mesmo que a desconexão se torne mais e mais difícil, pois a expectativa de que permaneçamos conectados está embutida na nossa vida profissional e cada vez mais na vida social, a maneira de manter o modo mais contemplativo de pensamento é desconectar-se por um tempo substancial, reduzindo nossa dependência em relação às tecnologias de tela e exercendo nossa capacidade de prestar atenção profundamente em uma única coisa.

As escolas deveriam restringir o uso da internet pelos alunos, em lugar de se lançar de cabeça na tecnologia?Sim. Nos EUA tem havido uma corrida para considerar que computadores na escola são sempre uma coisa boa, até mesmo uma confusão da qualidade do ensino com o tempo que os alunos passam conectados. É um erro. Certamente os computadores e a internet têm um papel importante a desempenhar na educação, e as crianças precisam aprender competências computacionais, a usar a internet de maneira eficaz. Mas as escolas precisam perceber que essa é uma maneira de pensar diferente de ler um livro. É preciso dar tempo e ênfase, no ensino, para desenvolver a capacidade de prestar atenção em uma única coisa, em vez de mover sua atenção entre diversas coisas. Isso é essencial para certos tipos de pensamento crítico e conceitual.

O sr. consideraria a internet responsável pela epidemia de casos de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)?Não tenho certeza de que a ciência sobre isso seja definitiva, ainda. Há indicações de que as tecnologias que as crianças usam, de videogames a Facebook, possam contribuir para TDAH. É algo que precisa ser mais estudado. Para os pais preocupados com a capacidade de seus filhos de manter a atenção, poderia ser apropriado restringir as tecnologias.

A TV e o rock também já foram acusados no passado de ameaçar os intelectos jovens, mas não há carência de novos escritores e artistas.Sempre que uma tecnologia nova e popular aparece, há pessoas que adotam uma visão exageradamente otimista, de uma utopia social, e pessoas que adotam uma visão exageradamente negativa, de que ela vai destruir a civilização. No livro tento não adotar uma visão unilateral da tecnologia, porque acho que ela tem muitas coisas boas, do acesso mais fácil à informação até novas ferramentas para autoexpressão.

Meu temor é que, na medida em que empurramos celulares, smartphones e computadores para as crianças em idades cada vez mais precoces, elas não venham a desenvolver as habilidades mentais mais contemplativas e atentas. Isso seria uma grande perda para a cultura, pois a expressão artística requer reflexão mais calma, tranquila, introspectiva.

É concebível que a internet possa mover-se numa direção que combine os poderes da informação visual com os do texto para promover pensamentos em profundidade?

Tudo é possível, mas cada tecnologia que usamos para fins intelectuais tem certos efeitos e reflete um conjunto particular de premissas sobre como devemos pensar. A internet, sendo um sistema multimídia baseado em mensagens e interrupções, tem uma ética intelectual que valoriza certos tipos de pensamento utilitários, voltados para a solução de problemas, que encoraja as multitarefas e a rápida transmissão ou recepção de migalhas de informação. A tecnologia pode mudar rapidamente, mas não vejo razão para pensar que vá [noutra direção].



sexta-feira, 1 de outubro de 2010

Entrevista com Scorsese

1 Comentário

Scorsese fala sobre a 'Ilha do Medo'

Ligia Houglund

A forte ligação do diretor de cinema americano, Martin Scorsese, com a música é evidente no seu novo filme, *Ilha do Medo*.

A história, que é uma brilhante combinação de suspense, horror e drama psicológico, com um toque de filme de guerra, é narrada em grande parte pela música. Cada emoção - e são muitas - é passada à audiência por uma poderosa trilha sonora.

"O filme é uma sinfonia moderna", disse Scorsese, em Nova York,

Esta é a quarta colaboração de Leonardo DiCaprio com Martin Scorsese. Os dois trabalharam em parceria em *Gangues de Nova York*, *O Aviador* e *Os Infiltrados*.



Ilha do Medo conta a história de um policial americano e combatente da Segunda Guerra Mundial, Teddy Daniels (Leonardo DiCaprio), que, em 1954, é enviado a um manicômio judiciário para criminosos perigosos, o Ashecliffe Hospital, situado em uma ilha próxima a Boston, para investigar o desaparecimento de uma paciente. O local usado para as filmagens foi um hospital desativado, em Medfield, Massachusetts.

O ambiente é gótico e no estilo filme noir.

Logo que começa a investigação com a ajuda de seu colega, Chuck Aule (Mark Ruffalo), Daniels percebe que a ilha guarda muito mais mistérios e intrigas do que o simples sumiço de uma paciente. Há suspeitas de experimentos com os pacientes, médicos com passado nazista e a possibilidade de Daniels estar mais envolvido com o mistério do que primeiro imaginava.

A única maneira de Daniels chegar à verdade é enfrentando seus próprios traumas e pesadelos. No começo do filme, Daniels conta ao seu parceiro que sua mulher havia morrido em um incêndio.

No decorrer do filme, não faltam referências a fogo e cinzas, intercaladas por lembranças do soldado americano no confronto com os nazistas. Todos os personagens têm muitas camadas e a verdade vai se transformando de acordo com a perspectiva de cada um dos protagonistas.

Papel dolorido

"Foi o personagem mais difícil que já interpretei", falou DiCaprio. O ator disse, ainda, que ficou extremamente envolvido com os traumas de Daniels e confessou ter sido o papel mais dolorido da sua carreira. "Mas a dor do ator é passageira, e o cinema é para sempre", falou DiCaprio.

Para ele, trabalhar com Max Von Sydow (Dr. Naehring) foi uma experiência particularmente significativa, pois este era o ator preferido de seu avô. Quando criança, DiCaprio disse ter ido com a mãe assistir a um filme de Ingmar Bergman, estrelado Von Sydow, e tirou uma foto ao lado do consagrado ator. "Fiquei muito emocionado ao encontrá-lo em um set de filmagem", disse DiCaprio.

Ben Kingsley é o diretor do manicômio, Dr. Cawley, em quem, até o final, Daniels não confia. O médico, por vezes, parece ter um interesse genuíno nos pacientes. No entanto, há uma constante suspeita de que, talvez, para ele, os pacientes não passem de cobaias.

"Meu personagem é bom e ruim ao mesmo tempo", disse o ator britânico de ascendência indiana.

A música como fio condutor

Scorsese prende a atenção da audiência que permanece tensa e sofre sobressaltos causados pela magnífica música que conduz o filme e serve de alerta para o furacão que se aproxima da ilha, enquanto a investigação vai se desenvolvendo.

O legendário guitarrista canadense, Robbie Robertson, da banda que acompanhava Bod Dylan, The Band, é o responsável pela direção musical do longa. O resultado é uma bela combinação de jazz e música erudita contemporânea.

"A música foi o fio condutor do filme. Mudei cenas inteiras em função da trilha sonora", disse o diretor.

Scorsese falou que *Ilha do Medo* se inspirou em diversas áreas da arte, mas manteve a predominância da música como força orientadora. A filmagem em si é inspirada no cubismo. O clima da história se baseia nas narrativas de *O Processo*, de Franz Kafka, e *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Em outra ocasião, o diretor falou que a história de *Ilha do Medo* lembrava muito *O Gabinete do Doutor Caligari* (1920), um clássico do cinema expressionista alemão.

No documentário sobre os Rolling Stones, *Shine a Light*, lançado em 2008, Scorsese mostrou a sua capacidade de acompanhar com a câmera o ritmo da música. "Mas é bem mais fácil trabalhar com Leo do que com Mick Jagger", disse o celebrado diretor.



segunda-feira, 27 de setembro de 2010

Repulsa ao sexo - discriminalizar o aborto.

6 comentários



Repulsa ao sexo

*Maria Rita Kehl**

Entre os três candidatos à Presidência mais bem colocados nas pesquisas, não sabemos a verdadeira posição de Dilma e de Serra. Declaram-se contrários para não mexer num vespeiro que pode lhes custar votos. Marina, evangélica, talvez diga a verdade. Sua posição é tão conservadora nesse aspecto quanto em relação às pesquisas com transgênicos ou células-tronco.

Mas o debate sobre a descriminalização do aborto não pode ser pautado pela corrida

eleitoral. Algumas considerações desinteressadas são necessárias, ainda que dolorosas. A começar pelo óbvio: não se trata de ser a favor do aborto. Ninguém é. O aborto é sempre a última saída para uma gravidez indesejada. Não é política de controle de natalidade. Não é curtição de adolescentes irresponsáveis, embora algumas vezes possa resultar disso. É uma escolha dramática para a mulher que engravida e se vê sem condições, psíquicas ou materiais, de assumir a maternidade. Se nenhuma mulher passa impune por uma decisão dessas, a culpa e a dor que ela sente com certeza são agravadas pela criminalização do procedimento.

O tom acusador dos que se opõem à legalização impede que a sociedade brasileira crie alternativas éticas para que os casais possam ponderar melhor antes, e conviver depois, da decisão de interromper uma gestação indesejada ou impossível de ser levada a termo.

Além da perda à qual mulher nenhuma é indiferente, além do luto inevitável, as jovens grávidas que pensam em abortar são levadas a arcar com a pesada acusação de assassinato. O drama da gravidez indesejada é agravado pela ilegalidade, a maldade dos moralistas e a incompreensão geral. Ora, as razões que as levam a cogitar, ou praticar, um aborto, raramente são levianas. São situações de abandono por parte de um namorado, marido ou amante, que às vezes desaparecem sem nem saber que a moça engravidou. Situações de pobreza e falta de perspectivas para constituir uma família ou aumentar ainda mais a prole já numerosa. O debate envolve políticas de saúde pública para as classes pobres. Da classe média para cima, as moças pagam caro para abortar em clínicas particulares, sem que seu drama seja discutido pelo padre e o juiz nas páginas dos jornais.

O ponto, então, não é ser a favor do aborto. É ser contra sua criminalização. Por pressões da CNBB, o ministro Paulo Vannuchi precisou excluir o direito ao aborto do recente Plano Nacional de Direitos Humanos. Mas mesmo entre católicos não há pleno consenso. O corajoso grupo das "Católicas pelo direito de decidir" reflete e discute a sério as questões éticas que o aborto envolve.

O argumento da Igreja é a defesa intransigente da vida humana. Pois bem: ninguém nega que o feto, desde a concepção, seja uma forma de vida. Mas a partir de quantos meses passa a ser considerado uma vida humana? Se não existe um critério científico decisivo, sugiro que examinemos as práticas correntes nas sociedades modernas. Afinal, o conceito de humano mudou muitas vezes ao longo da história. Data de 1537 a bula papal que declarava que os índios do Novo Continente eram humanos, não bestas; o debate, que versava sobre o direito a escravizar-se índios e negros, estendeu-se até o século 17.

A modernidade ampliou enormemente os direitos da vida humana, ao declarar que todos devem ter as mesmas chances e os mesmos direitos de pertencer à comunidade desigual, mas universal, dos homens. No entanto, as práticas que confirmam o direito a ser reconhecido como humano nunca incluíram o feto. Sua humanidade não tem sido contemplada por nenhum dos rituais simbólicos que identificam a vida biológica à espécie. Vejamos: os fetos perdidos por abortos espontâneos não são batizados. A Igreja não exige isso. (continua depois da foto).



Também não são enterrados. Sua curta existência não é imortalizada numa sepultura - modo como quase todas as culturas humanas atestam a passagem de seus semelhantes pelo reino desse mundo. Os fetos não são incluídos em nenhum dos rituais, religiosos ou leigos, que registram a existência de mais uma vida humana entre os vivos.

A ambiguidade da Igreja que se diz defensora da vida se revela na condenação ao uso da camisinha mesmo diante do risco de contágio pelo HIV, que ainda mata milhões de pessoas no mundo. A África, último continente de maioria católica, paupérrimo (et pour cause...), tem 60% de sua população infectada pelo HIV. O que diz o papa? Que não façam sexo. A favor da vida e contra o sexo - pena de morte para os pecadores contaminados.

Ou talvez esta não seja uma condenação ao sexo: só à recente liberdade sexual das mulheres. Enquanto a dupla moral favoreceu a libertinagem dos bons cavalheiros cristãos, tudo bem. Mas a liberdade sexual das mulheres, pior, das mães - este é o ponto! - é

inadmissível. Em mais de um debate público escutei o argumento de conservadores linha-dura, de que a mulher que faz sexo sem planejar filhos tem que aguentar as consequências.

Eis a face cruel da criminalização do aborto: trata-se de fazer, do filho, o castigo da mãe pecadora. Cai a máscara que escondia a repulsa ao sexo: não se está brigando em defesa da vida, ou da criança (que, em caso de fetos com malformações graves, não chegarão a viver poucas semanas). A obrigação de levar a termo a gravidez indesejada não é mais que um modo de castigar a mulher que desnaturalizou o sexo, ao separar seu prazer sexual da missão de procriar.

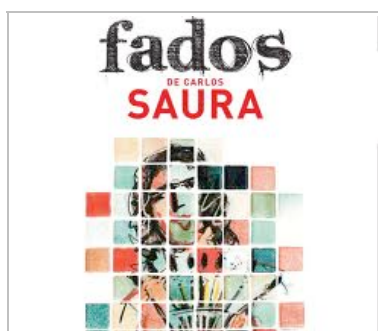
* **Maria Rita Kehl é psicanalista.** (foto do filme "Repulsa ao sexo, de Roman Polanski).



quinta-feira, 23 de setembro de 2010

Cine-UFG: mostra "Cinema europeu contemporâneo".

1 Comentário



Cinema europeu contemporâneo

Lisandro Nogueira

O Cine-UFG exibe a partir do dia 27 de setembro, segunda-feira próxima, filmes na Mostra do Cinema Europeu Contemporâneo. São filmes da Itália, Portugal, França e Espanha. Veja abaixo programação e o nome dos diretores:

Programação

	12h	17:30h
27.09	O desafio de Jean de la Fontaine	Gomorra
28.09	O primeiro a chegar (O que você quer da vida?)	Medos privados em lugares públicos
29.09	Fados	O desafio de Jean de la Fontaine
30.09	Medos privados em lugares públicos	Fados
04.10	Gomorra	Medos privados em lugares públicos
05.10	Fados	O primeiro a chegar (O que você quer da vida?)
06.10	Medos privados em lugares públicos	O desafio de Jean de La Fontaine
07.10	A costa dos murmúrios	A costa dos murmúrios
08.10	Fados	Gomorra

CINEMA EUROPEU CONTEMPORÂNEO

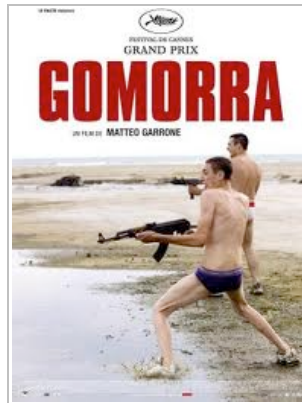
Medos privados em lugares públicos (Alain Resnais)

Fados (Carlos Saura)

Gomorra (Mateo Garrone)

O desafio de Jean de la Fontaine (Daniel Vigne)

O primeiro a chegar (o que você quer da vida?)
costa dos murmúrios (Margarida Cardoso)



A costa dos murmúrios (Margarida Cardoso)



quarta-feira, 22 de setembro de 2010

[A comédia do poder: entrevista com Claude Chabrol e Isabelle Huppert](#)

4 comentários



A COMÉDIA DO PODER

Entrevista de Luiz Carlos Merten*

A **Comédia do Poder**, filme de Claude Chabrol, traz algumas considerações interessantes sobre o mundo contemporâneo. A principal delas diz respeito à corrupção, tema não estranho para nós - e nem para os franceses. Aliás, infelizmente, não existe sociedade que possa se orgulhar de haver se livrado dessa praga. A não ser as autoritárias, que não permitem noticiá-la e, assim, procedem como o doente que quebra o termômetro para eliminar a febre.

Através da interpretação magnífica de Isabelle Huppert como a juíza Jeanne, Chabrol propõe uma descida vertical aos porões da sociedade francesa (e qualquer outra, no fundo), aquele nicho onde empresários e políticos conversam, convergem e fazem seus bons negócios.

O interessante é o tom nada moralista que domina tal investigação, sob a forma de parábola moderna. Jeanne parece uma dessas incorruptíveis de filme americano, disposta a encontrar a verdade pelo simples prazer de sanear o sistema e vê-lo funcionar de maneira perfeita. Mas, assim descrito, esse seria um filme de Hollywood, a começar pela crença acrítica na "perfeição do sistema". Chabrol é outro tipo de gente. Vem lá de trás, da nouvelle vague. Conhece os homens, suas virtudes e seus vícios, fios em geral enredados como num conto de Machado de Assis. Jamais faria o papel de um sepulcro caído, de um santarrão udenista.

Dessa forma, prefere contar sua história da maneira límpida que o caracteriza e, ao mesmo tempo, deixa que a personagem central vá insinuando pelo caminho a parte que lhe cabe naquele latifúndio. Pois a campeã da justiça Jeanne também toma parte no jogo, embora não de maneira óbvia.

Quais são as suas motivações?, será a pergunta do espectador arguto. Mas a trajetória pessoal de Jeanne talvez seja o que menos interessa em **A Comédia do Poder**. Balzac afirmava ter aprendido muita coisa útil quando trabalhou em cartórios, pois por eles passa o esgoto da sociedade, dizia. Aqui também, nessa junção entre o mundo das finanças e o da política, desvenda-se a estrutura mesma da sociedade contemporânea. E, como dizia Balzac, ela não parece cheirar muito bem. A corrupção faria parte do jogo do poder; não lhe é estranha e nem acessória, independentemente de governos e indivíduos bem ou mal-intencionados. Tem dinâmica própria.

Jeanne (que não tem esse nome por acaso, lembrando Jeanne D'Arc, a heroína francesa) parece um Quixote moderno e de pretinho básico, dotado de auto-ironia. Por isso, quando percebe sua vida indo pelo ralo e lhe perguntam o que iria fazer a respeito de tudo o que havia descoberto, dá como resposta: "Qu'ils se démerdent", traduzível, livremente, em "Eles que se virem". Mas a expressão original francesa dispõe de força própria.

Desistência? Consciência madura da força das coisas diante da impotência do indivíduo? Cinismo? O que se pode dizer é que Chabrol não é tolo, pelo contrário: é um lobo velho. Não colocaria a assinatura numa personagem ingênua. Diante de situações complexas, a lucidez é o melhor remédio. O único, aliás.



Chabrol fala sobre seu filme a Luiz Carlos Merten

Um letrado na abertura de 'A Comédia do Poder' adverte o espectador de que o que ele vai ver é uma obra de ficção. Qualquer aproximação com a realidade é mera coincidência. Mas todo mundo sabe que o senhor se baseou num escândalo político-financeiro que teve muita repercussão na França...

Sim, o affair Körcher. Mas é o objetivo. Quando a gente diz que é simples coincidência é, na verdade, porque tem tudo a ver com a realidade. Era, aliás, o desafio desde a confecção do roteiro. Queria que o filme tivesse tudo a ver com os eventos reais, mas ficasse abrigado sob o confortável manto da ficção.

A embriaguês ou 'A Comédia do Poder'?

A juíza interpretada por Isabelle experimenta cada vez mais a embriaguês do poder. Na verdade, ela não tem poder nenhum, só o que lhe é outorgado, mas a sensação a consome cada vez mais e tem repercussão na sua vida privada. Era o que me interessava tratar - do conflito entre o público e o privado, o político e o psicológico, ou melhor dizendo, o comportamental. Mas é uma comédia do poder. As relações de poder são sempre cômicas quando se olha de fora. O que as pessoas fazem... seria cômico se não fosse, muitas vezes, trágico.

É seu sétimo filme com Isabelle Huppert.

E eu não poderia fazê-lo com outra atriz. Se não tivesse Isabelle comigo teria desistido do filme. Felizmente, ela é fiel e atende sempre ao meu chamado. Precisava dessa fragilidade forte que só ela consegue transmitir às personagens. E, depois, Isabelle representa com distanciamento. Há sempre uma ironia no seu trabalho, como se ela interpretasse e, ao mesmo tempo, comentasse a interpretação.

O cinema francês não tem muita tradição de fazer filmes sobre escândalos político-financeiros...

Tradição, não tem, mas temos alguns antecedentes. Yves Boisset fez vários filmes desse tipo nos anos 70. A idéia não era propriamente reatar com eles, mas de que maneira refletir o mundo atual. A essência de A Comédia do Poder consiste em mostrar que, no mundo globalizado, o poder é uma ilusão e que o privado sempre termina sacrificado por ele. É um filme de que gosto muito, realmente.

Há uma idéia muito interessante de mise-en-scène. O senhor filma muito a entrada de serviço do tribunal, e filma sempre a escada de acesso do mesmo ângulo de baixo.

Há no filme uma oposição entre o tribunal, como espaço público, e o apartamento, como privado. O tribunal é o espaço do poder, mas filmá-lo pelos fundos é uma idéia de questionar esse poder. A escada torna-se fundamental. É a idéia central de mise-en-scène. Filmar a escada dos fundos dá bem uma idéia de como o poder é ilusório. Como toda embriaguês, essa também tem sua ressaca. Quem perde o poder sabe disso.

Isabelle Huppert fala sobre seu papel a Luiz Carlos Merten

Trabalhar sete vezes com o mesmo diretor deve criar uma grande cumplicidade, não?

Ainda mais se o diretor é Claude (Chabrol). Estamos trabalhando juntos há quase 30 anos e a sensação que tenho é a de sempre descobrir novidades trilhando um caminho conhecido. Claude tem grande confiança em mim. Discutimos o filme, a personagem antes da rodagem e depois ele me deixa solta. Faz pequenos ajustes. Em geral me pede 'mais' ou 'menos', mas não temos necessidade de grandes ensaios. O importante é definir o conceito da personagem. O resto vem tudo naturalmente.

No caso de Jeanne, a juíza, qual era o conceito?

Uma mulher que exerce o poder no universo masculino, mas é um poder que lhe é outorgado pelos homens. Curioso, não? Há pelo menos uma contradição aí. A idéia de Claude era justamente explorá-la. O poder que Jeanne exerce na sua vida pública a torna vulnerável na privada, cria problemas na relação com o marido.

O filme baseia-se num affair real, mas há a advertência de que é pura ficção. Você se baseou na personagem real?

Não. Vi-a na TV antes que Claude me chamasse para fazer A Comédia do Poder. Não fiz, como gostam de fazer os americanos, pesquisas para a personagem. Mas guardei alguns detalhes, as luvas, por exemplo. Acho que, de tudo o que usamos para compor a personagem, as luvas são o mais importante.

Chabrol diz que você queria que o filme se chamasse Luvas Vermelhas...

É verdade. O próprio Claude tem um filme antigo que se chama Les Mains Sales (As Mãos Sujas). Acho que seria interessante, mas ele me convenceu de que seria meio óbvio. Tudo o que quisemos evitar foi a obviedade. A comédia do poder é uma coisa muito sutil, mas a verdade é que o poder embriaga e corrompe.

Chabrol diz que não teria conseguido fazer o filme sem a fragilidade forte que você imprime à personagem.

É o que ele sempre diz. Que sou frágil, porque sou mulher, mas sou forte porque não temo encarar o universo masculino. Acho que a força, se existe, está no humor. E, depois, você deve conhecer o ditado - por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher. Não somos tão frágeis assim. O segredo é não se intimidar com a força masculina.

O que Chabrol pediria e que você não teria condições de fazer?

Interpretar uma mulher obesa, quem sabe?

* publicada no Estadão em setembro-2009.



